

IDEOLOGIA DO BRANQUEAMENTO E O RACISMO À BRASILEIRA

Tiago Alinor Hoissa Benfica*
tiagoalinor@gmail.com

ALMEIDA, Maureci Moreira de. **Ideologia do branqueamento nas telenovelas brasileiras.** Jundiá: Paco Editorial, 2016. 213p.

A preocupação com a diversidade cultural brasileira foi realimentada na virada do milênio, com o estímulo de novas pesquisas e o surgimento de programas de mestrado multidisciplinares. A presente obra é fruto desse contexto, resultado de uma dissertação de mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT, de autoria do professor de Filosofia Maureci Moreira de Almeida, que atua em programa de formação continuada de professores pela Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso, e no ensino superior.

O texto possui uma abordagem mais teórica e sociológica do que necessariamente uma preocupação com o manuseio de fontes empíricas ou, neste caso, fontes ficcionais. O objetivo do autor pareceu fazer a compilação de um apanhado das pesquisas que têm como pano de fundo a problemática do racismo no Brasil.

O preconceito racial é assunto sensível no cotidiano, uma vez que a maioria das pessoas costumam negar que emitem discursos e práticas preconceituosas. Isso se dá porque a diferença entre as raças, que no Brasil se manifesta sobretudo pela cor da pele, muitas vezes são aceitáveis no que diz respeito ao fenótipo, mas nem tanto acolhedora é ela no que concerne aos valores e às práticas culturais de origem não europeias. Essa tensão costuma ser diluída à medida que os grupos que vieram ou foram trazidos à força para essas terras incorporam padrões culturais da ideologia dominante. Daí que o branqueamento não é apenas o da pele, a diminuição dos traços fenotípicos não europeus, mas, principalmente, a adesão aos padrões culturais europeus, o que ficou sintetizado no senso comum pelo ditado popular “preto de alma branca”. Portanto, pode-se dizer que o branqueamento é o racismo à brasileira, cujas teorias e manifestações são confrontadas por Maureci.

Realizar uma análise sobre as telenovelas brasileiras em um trabalho acadêmico é algo desafiante, haja vista que, inicialmente, o autor tem que tratar dois tipos de mídia: a audiovisual da televisão para a escrita do texto. Tornar essa transfusão agradável ao leitor é

* Graduado, mestre e doutor em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professor da Faculdade de Sinop (FASIPE), Brasil. Pesquisador da área de Ensino de História.

tarefa nada fácil de ser realizada. Esse empreendimento está concentrado no penúltimo capítulo, Ideologia do branqueamento nas telenovelas, quando o autor aborda especificamente a novela *Lado a Lado*, da Rede Globo. Desse modo, é digna de aplauso a compilação teórica apresentada, mas no que diz respeito à exploração das telenovelas como fonte de discussão, não se verifica a mesma quantidade de esforços. A abordagem acerca dessa modalidade de entretenimento assumiu mais o papel de uma fonte ilustrativa para a discussão da ideologia do branqueamento do que a análise de uma obra de arte. Ou seja, fala-se bem mais da ideologia do branqueamento do que propriamente das telenovelas.

Filha do contexto em que o Movimento Negro adentrou ao governo federal, a presente obra possui uma tonalidade expressamente militante e favorável às reivindicações desse movimento social. Tanto é que o último capítulo, o que possui menos páginas escritas, discute sobre a Lei 10.639/2003, que determina a obrigatoriedade da inclusão dos conteúdos de história e cultura afro brasileira, na esperança de que a educação escolar interfira positivamente nos problemas raciais brasileiros. Na obra, foram abordados, basicamente, os desafios que se referem à população negra, ficando oculta a situação similar que os afrodescendentes compartilham com os indígenas.

Maureci de Almeida aborda tanto interpretações favoráveis como também contrárias às políticas públicas de reparação racial, sendo a que mais desperta vicissitudes a que se refere às cotas raciais para o acesso ao ensino superior e para os concursos públicos. Autores bem respeitados no meio acadêmico como, por exemplo, Peter Fry, são contrários às cotas raciais, pois o seu potencial poderia “racializar e dividir o país” (ALMEIDA, 2016, p. 108). A ressalva de Fry é bastante lúcida, uma vez que tentativas de análises sociais que abordam a origem da desigualdade não são bem recebidas pela ideologia dominante, que não admite assumir de modo contundente que há problemas raciais no Brasil que resultam na atual configuração social. Se o discurso racialista não é agradável, para a ideologia dominante tampouco é o de classe social, que visa explicar as disparidades socioeconômicas como o resultado de um processo histórico que privilegiou certos grupos enquanto outros tiveram que contar com a própria sorte. A ideologia dominante parece ter uma flexibilidade eficaz quando se propõe a argumentar a fim de manter os seus interesses: a raça já foi utilizada para justificar as disparidades socioeconômicas da população, e agora a “bola da vez” é a meritocracia, que, de uma tacada só, põe para escanteio o racialismo e a ideia da luta de classes.

Ao longo do primeiro capítulo, Televisão e telenovelas: breve introdução teórica, o autor articula conceitos como indústria cultural, eugenia, branqueamento, etnocentrismo e

raça. Há uma breve contextualização histórica sobre o surgimento da televisão e das mídias de acesso e consumo popular, que acabam por reforçar estereótipos. No capitalismo, o maior objetivo da indústria cultural é o lucro, e para isso, utiliza-se da reprodução de estereótipos como um mecanismo psíquico com “mensagens familiares e reconhecíveis” para atribuir identificação do sujeito à imagem (ALMEIDA, 2016, p. 44). Para além da denúncia das práticas conservadoras da indústria cultural, o autor cita as novelas de intervenção “que procuram desenvolver temáticas sociais que possam mobilizar opiniões e despertar reflexão” (ALMEIDA, 2016, p. 66). Pode-se dizer que este capítulo dedica-se a ajustar os principais referenciais teóricos e aproximar-se do objeto.

No capítulo dois, Teorias sobre o racismo à brasileira e o conceito de raça, o autor levanta o debate sobre a origem da desigualdade da sociedade brasileira. Aqui as discussões sobre preconceito e sobre a ideologia do branqueamento são trabalhadas mais detidamente. O branqueamento analisado consiste valorizar ou mesmo impor os elementos civilizatórios da cultura europeia para os demais povos que se encontram no Brasil. Essa ideologia estimulou a imigração europeia a fim de aumentar a porcentagem de brancos no Brasil, assim como positivou o cruzamento racial; não que ela colocasse em pé de igualdade as raças, mas sim na crença de que a cor branca prevaleceria sobre os elementos do fenótipo negroide.

De modo geral, a temática abordada no texto é, por si só, muito interessante e apresenta desafios metodológicos para empreitadas do mesmo tipo. Para quem as telenovelas fazem ou em algum momento já fizeram parte do cotidiano da vida privada, irá lembrar-se de algumas cenas, por meio de imagens ou trechos de falas dos personagens. Infelizmente, no livro, não há qualquer ilustração, o que deixou de enriquecer a estética da proposta da obra. Já o corpo editorial poderia ter atuado para conferir mais qualidade à obra, pois ela apresenta inúmeros erros de escrita, não apenas os referentes à gramática, como também a forma em que o texto é disposto, com muitos pontos em lugar de vírgulas, o que torna a leitura da obra um pouco arrastada e truncada.

Recebida em 13 de março de 2017. Aprovada em 09 de maio de 2017.